



Cahiers du Cinéma — O seu filme que preferimos é, sem dúvida nenhuma, Casque'Or. Jacques Becker — Tanto melhor!

François Truffaut e Jacques Rivette
(entrevista a Jacques Becker, *Cahiers du Cinéma*, Fev. 1954)

CASQUE D'OR AQUELA LOURA

*Nova Cópia Digital Restaurada

Um filme de Jacques Becker

Sinopse

Becker consegue algo raro, neste filme que é, talvez, a sua obra-prima: uma "reconstituição" de época (a Belle Époque) perfeita, no espírito do tempo. Casque d'Or (Simone Signoret) é a bela amante de um bandido, Manda (Serge Reggiani, na sua melhor interpretação de sempre), nesta história de amor, morte, amizade e ciúme.

Actores

Simone Signoret, Serge Reggiani, Claude Dauphin, Raymon Bussières, Odette Barencey, Loleh Bellon, Solange Certon, Daniel Mendaille, Dominique Davray, Jacqueline Dane, Paul Barge.

Equipa Técnica

Realização – Jacques Becker

Argumento – Jacques Becker, Jacques Companéez e Anne Wademant

Direcção de Fotografia – Robert Lefebvre

Montagem – Marguerite Renoir

Música – Georges Van Parys

Uma Produção Robert et Raymond Hakim

Produtor – Raymond Hakim, Robert Hakim e André Paulvé

Características Técnicas

Ano de Produção: 1952

País: França

Duração: Aprox. 96 min

Classificação: M/12

Aquela Loira

No filme de Ernst Lubitsch *Ser ou não Ser*, vemos durante alguns minutos uns oficiais alemães puxarem-se reciprocamente os bigodes a fim de desmascaramem, entre si, o impostor.

É inútil submeter a esta prova as personagens de *Aquela Loira*, dado que cada pêlo do bigode de Serge Reggiani está garantidamente fora de competição neste festival de autenticidade¹.

Aliás, *Aquela Loira* é o único filme que Jacques Becker, habitualmente titubeante, minucioso, maníaco, inquieto e que por vezes taceia, filmou num ápice, depressa, num só lance, directo ao objectivo. Ele próprio escreveu este diálogo muito falado, absolutamente natural e tão económico que Reggiani não pronuncia, ao que parece, mais de sessenta palavras.

Para todos os que apreciam *Aquela Loira*, é evidente que Simone Signoret e Serge Reggiani encontraram aqui o seu melhor papel, mesmo que o público francês – mas não o inglês, decididamente mais fino – pareça ter recusado este acasalamento paradoxal, belo, justamente pelo seu paradoxo: um homem pequeno e uma grande mulher, um gato vadio, todo nervoso, e uma bela planta carnívora, que não cospe na sopa.

Quem se interessa pela construção das histórias não poderá deixar de admirar a engenhosidade do argumento e, em particular, a maneira tão poderosa, desviada e inesperada de chegar abruptamente à execução de Manda, por intermédio de uma cena tão bela quanto misteriosa: a chegada de Casque d'Or num hotel manhoso a meio da noite. Quando me encontro com os meus amigos argumentistas e já estamos a avariar, é frequente dizermos: «Porque não adoptarmos uma "solução Casque d'Or?»

Aquela Loira, que é, antes de mais, um filme de personagens, é também um grande sucesso plástico: a dança, a rixa nas traseiras, o despertar no campo, a chegada de Manda junto da guilhotina, apoiado por um padre, todas estas imagens são capas do *Petit Journal* ou da *L'Illustré*, e este encantamento do olhar pela imagética confirma-me a ideia de que o cinema tem uma vocação popular e que se engana quando pretende animar pinturas de mestres.

Aquela Loira, por vezes engraçada, por vezes trágica, comprova afinal que, por via da utilização refinada da mudança de tom, é possível ultrapassar a paródia, olhar para um passado pitoresco e sangrento e ressuscitá-lo com ternura e violência.

¹ Este texto, escrito em 1965, não constitui, evidentemente, um relatório crítico de *Aquela Loira* (estreado em 1952), mas antes uma introdução à edição do argumento na colecção L'Avant-Scène.

Desta vez, não direi apenas que *Casque d'Or* é o melhor Becker, mas que é também o *mais belo*. Com isto pretendo dizer que a sua restante obra faz sobressair bastante a comédia, ao passo que *Casque d'Or* está do lado da tragédia, com aquilo que o género implica de nobreza e grandiosidade. Acho-o agora um dos mais belos filmes franceses do pós-guerra, e a sua meia-falha crítica é ainda mais injustificável que a sua meia-falha comercial. No que me diz respeito, expresso aqui, tardiamente embora, a minha confusão. O meu remorso por *Casque d'Or* juntar-se-á agora, na minha consciência crítica, àquele que sinto por *Les Dames du Bois de Boulogne*.

André Bazin, *Cahiers du Cinéma*, 1956

Pavana para apaches defuntos

Raramente o leque das opiniões se terá alargado tão generosamente. Georges Sadoul e Claude Mauriac celebram este filme a uma só voz. Nino Frank vê nele a obra-prima do pitoresco Mouffetard¹ e a criação de um estilo digno de ser de imediato enterrado debaixo de flores. Um jovem esteta não consegue confessar o seu aborrecimento. E com razão, uma vez que confunde um pouco as sequências quando lhe pedimos que se explique. O autor de uma excelente primeira curta-metragem acha igualmente sórdidos o tema e o exercício de estilo. Um dos editores-chefes desta revista, apesar de saudar a escrita, permanece estupefacto com o facto de Jacques Becker ter sobrevalorizado semelhante história. Um padre dominicano, cinéfilo respeitado, abandona-se a esta ou aquela cena, mas deplora uma artificial demonstração de violência. Mas a TÉLÉ-CINÉ apressa-se a publicar uma ficha minuciosamente laudatória da autoria de Paule Sengissen. O próprio autor, um dos nossos mais inquietos, prefere *Casque d'Or* a todos os seus filmes anteriores. Não creio que se possa abordar este filme com ligeireza, por esta última razão, e mais ainda porque o caleidoscópio das apreciações, quase pondo em causa a legitimidade da crítica, impõe concomitantemente uma pequena reflexão.

Toda a estilização é o decorativismo de alguém. Esta – o mobiliário heteróclito e sofisticado do chefe do gang; as saias levantadas das mulheres no cais; o fato justo e digno do amigo carpinteiro; os seguidores; os modos autoritários, as mãos que quase tocam as nádegas do seu par, o cavalheiro que ataca uma valsa, como se se tratasse de uma dança de urso, etc. – parece-me ter algum mérito. Ela é ao mesmo tempo deliciosa e amada. Se existisse uma desmultiplicação sociológica do calendário dos correios e telégrafos, poderíamos conceber um tal calendário de 1902 ao serviço da rua de Lappa, calendário de malfeitor, pelo malfeitor para o malfeitor. Tal calendário foi pensado por Becker, com minúcia encantadora e o seu sabor advém do piscar de olhos ao espectador e do tempo que já lá vai. Mas o mais espantoso é que este calendário está vivo. Os filmes de época nos quais não teremos visto tudo, quando vimos já as fotos publicadas pelo CINÉMONDE, contam-se pelos dedos de uma mão. Este é um desses filmes. Não é um filme nem de operador nem de decorador – na ordem da linguagem, trata-se de um filme de montador, como todos os deste cineasta – porque é um filme

que está na vida e é da vida. Não porque, certamente, ele ressuscite uma época: desta apresenta apenas um álbum animado. Mas porque Becker tem o dom da vida, o dom de simpatia pelos outros homens, como mais nenhum autor francês tem, excepção feita a Renoir. Na fixação do gesto, na sensibilidade do momento, na mise en place dos efeitos, no ritmo narrativo, nada vejo que possamos criticar em *Casque d'Or*. A interpretação é prática e unanimemente excelente, melhor dito, sensível. Vemos, desde logo, como o tom do filme é indeciso onde cada comediante encontra, no entanto, o tom certo. Não creio que Reggiani, nem sobretudo Simone Signoret, pudessem ser melhores. Em relação a Signoret, mediremos o caminho prodigioso que percorreu, comparando a sensual, orgulhosa, sumptuosa princesa do *faubourg* que é neste filme ao fruto amargo prometedor que foi no seu incerto início, no tempo de *Démons de l'Aube*. Que se terá passado então que possa suscitar tantos protestos e que faça com que mesmo a maioria dos admiradores de *Casque d'Or* permaneça insatisfeita? Jacques Becker tem habitualmente com o seu tema uma querela complicada, que as explicações que o próprio dá nem sempre clarificam. Não digo que ele tenha sido desta vez arrasado pela sua matéria. Mas o confronto não chega para explicar a incerteza do propósito e a insatisfação do espectador.

O argumento está bem escrito e a sua coesão narrativa é bastante forte [...] e com um bom movimento, e as personagens são suficientemente densas e bem delineadas, para que não nos interroguemos muito desde o início. Mas enfim, a transmutação do *fait-divers* (onde Nino Frank vê um *Le Grand Meaulnes*² sobre a criminalidade) em matéria dramática é singular e perturbadora. De dois gangs rivais de apaches Jacques Becker fez uma história romântica com três personagens sobre um fundo de malfeitores pitorescos, alegres e obedientes como cães. A princesa já aqui aludida é o desafio que opõe o bom ao vilão. Ora, o bom é punido exemplarmente, cabeça cortada na praça pública, sob o olhar da sua dama e de outros espectadores, testemunhas aparentes da sociedade. De forma que o conto romântico vira melodrama, onde as regras deste último são rigorosamente aplicadas. Note-se que a habilidade do autor, e eu diria mesmo o seu génio, o seu bom génio, a singularidade à qual este não sabe escapar, é a de fazer, quase sem querer, com que não nos apercebamos do melodrama, que este seja apagado pelo movimento, pelo estilo, pela vida. Tornar-se-á menos melodrama por isso? Coloco esta questão. Onde, em todo o caso, a coisa descamba é quando a disparidade da sua paleta, ela mesma imputável a esta perturbação entre maneira e maneira, o conduz a levar a prestidigitação um pouco mais longe. Quando monta num certo tom as suas cenas sádicas, com uma complacência pictórica que não encontramos em outras cenas para que entrem os apaches numa história de apaches sem apaches. Quando ele passa do *atelier* ao cutelo, do *partie de campagne* ao terrorismo (com Bussières para unir os dois registos), da doçura de viver ao cadafalso, da prostituída à enamorada e do naturalismo de Auguste Renoir, de Maupassant e de Toulouse-Lautrec a Ponson du Terrail, na estimulante e escrupulosa convicção que Becker prolonga.

Jean Queval, *Cahiers du Cinéma*, Junho 1952
[trad. Cláudia Coimbra]

¹ Rua de Paris no Quartier Latin, antiga e pitoresca, cheia de antiquários, restaurantes, e feiras de rua.

² Romance de Alain-Fournier, publicado em 1913.